
Francisco Venceslau dos Santos

As edições e a escolha do texto-base

A fim de definir as lições que foram utilizadas na colação com vistas ao preparo da presente edição crítica do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, procedeu-se ao exame dos manuscritos, dos folhetins, e das edições do romance, em livro, destacando-se três edições para cotejo, até a ocasião deste trabalho.

O *Triste Fim de Policarpo Quaresma* veio a público em 52 folhetins do *Jornal do Comércio*, edição da tarde, de 11 de agosto a 19 de outubro de 1911. Depois, publicaram-se as seguintes edições, em livro:

– *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro, Tipografia «Revista dos Tribunais», Rua do Carmo, 55, 1915.

– *Triste Fim de Policarpo Quaresma* 3ª edição. Antes do romance: Eloi Pontes. [São Paulo,] O Livro de Bolso [1943] [Capa em cores, com retrato sem assinatura, presumivelmente da autoria de Belmonte]

– *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Gráfica Editora Brasileira, 1948. [Edição privativa dos sócios do «Livro do Mês»].

– *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro, Editora Mérito S.A., s.d. [1948] [Capa com um desenho assinado S. R.; prefácio de M. de Oliveira Lima]

– *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1956. Prefácio de M. de Oliveira Lima. Edição organizada sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Vol. 2 da Col. Obras de Lima Barreto.

Para o estabelecimento do texto do romance tomou-se como texto de base o da primeira edição em livro, Rio de Janeiro, «Revista dos Tribunais», 1915, única em

vida do autor. A colação deste texto de origem se fez com os manuscritos (*ms*), com os 52 folhetins do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (*A*), com a segunda edição em livro saída por O Livro de Bolso, s.d. [1943] (*C*) e com a quinta edição em livro, da editora Brasiliense, 1956, dirigida por Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença (*D*).

Lima Barreto preparou a primeira edição em livro, impressa pela Revista dos Tribunais, em 1915, sobre o texto dos folhetins. As gralhas e erros tipográficos reproduzidos ou mal interpretados no texto saído em livro provam que a lição dos folhetins serviu para o preparo da primeira edição. Com efeito, havendo, ao que parece, sido irremediavelmente perdido o texto dos folhetins com as correções e acréscimos autógrafos, a melhor fonte não poderia ser senão a da primeira edição em livro. O aparato crítico desta edição evidencia essa afirmativa. Acresce, aliás, considerar que a prática de basear em texto impresso anterior a preparação de publicação futura foi um dos hábitos de Lima Barreto.

A escolha da primeira edição como texto-base, levando em conta a história interna e externa do texto, segue o preceito de eleição como texto-base da última edição em vida do autor, e ao princípio de manifestação comprovada do ânimo autoral. Para o preparo da presente edição crítica, considerou-se, portanto, que a primeira edição em livro é a única que pode se aproximar da última e efetiva vontade autoral de Lima Barreto.

O cotejo da primeira edição em livro com os folhetins revela vários acréscimos e substituições agora anotados. Muitas deformações ortográficas e alguns deslizos de pontuação já haviam sido sanados pela edição da Brasiliense, de 1956, justificados nas «Notas ao Texto», p. 301 a 320 daquela publicação, cujo ensinamento serviu-nos bastante.

Um exame das edições da Gráfica Brasileira Ltda., 1948, e da Editora Mérito S. A., s.d. [1948] não revela qualquer alteração que pudesse ter caráter autoral. Quase todas as discrepâncias em relação a primeira edição, de resto bem pequenas, podem caracterizar-se como falhas de revisão tipográfica.

A edição de O Livro de Bolso [1943] está de acordo com a norma vigente na época, a do Vocabulário Ortográfico de 1943, da Academia Brasileira de Letras. Conforme o aparato crítico da presente edição documenta, certamente houve a intervenção de um editor de texto, e de um ânimo autoral. No mais, reproduz a primeira edição.

Descrição das lições presentes na colação

ms

O total de 254 fólhos manuscritos no reto, a caneta, «Episódios da vida do Major Quaresma e outras histórias» encontram-se na Seção de Manuscritos da

Biblioteca Nacional. Eles foram adquiridos pela instituição juntamente com o restante do acervo examinado e avaliado pela comissão constituída por Gastão Cruis, Lúcia Miguel Pereira e Francisco de Assis Barbosa, designada por seu então diretor, Rubens Borba de Moraes.

Estes fólhos encontram-se em bom estado de conservação, apresentam traçado uniforme das linhas e das letras, excelente visibilidade e pontuação nítida. Também não se encontram borrões, rasuras ou interlineamentos que provoquem confusões e dificuldades de leitura. Esta apresentação dos manuscritos contraria as referências em torno da desordenada forma dos textos do escritor. Lima Barreto escreve com letra firme, corrida, regular, com emendas constantes sobre as linhas, que podem sugerir hesitação. A uniformidade dos manuscritos está no movimento do traço, no entrelinhamento e na média de 26 linhas por folha.

O romancista organizou com esmero um autógrafo limpo. Escreveu «Primeira Parte», «Segunda Parte», «Livro III» e os capítulos de cada divisão do romance em negrito, revelando um conhecimento das normas de edições e facilitando, com isso, o trabalho dos tipógrafos. Embora risque com freqüência, na busca do melhor texto, sua rasura nunca suja o original a ponto de torná-lo ilegível. As emendas, feitas com muito zelo, ficam portanto bem claras. Quando o ficcionista redige os títulos e resolve mudá-los, passa um traço firme por cima deles.

Eis as principais mudanças do tipo descrito:

- a - O autor fez duas capas, em folhas pautadas, para os manuscritos. Na primeira, escreveu na parte superior seu nome «Lima Barreto», e no centro, «Episódios da vida do Major P. Quaresma e outras histórias», acrescentando a epígrafe de A. Kan – «Lui est content n'a rien à dire». Desiste desta, e escreve uma segunda, mantendo no alto seu nome e no meio da folha o título modificado para «Episódios da vida do Major Quaresma e outras histórias». Desta vez, retira a epígrafe.
- b - Na «Segunda Parte», ele mudou o capítulo II, «Espinhas da gloria», para «Espinhas e flores» e o capítulo III, «Grandes luars» para «O gigante Golias» (na edição em livro, Lima reduziu-o a «Golias» – fato que revela o processo de depuração e síntese a que submetia a sua criação).
- c - Na parte superior do fólho que inicia o capítulo I, também da «Segunda Parte», o autor escreveu inicialmente «Cap. VI», riscou-o, e redigiu do lado direito «1» e logo abaixo, «Iniciativa agrícola», passou uma linha reta por cima desta expressão, e um espaço acima escreveu «Na Fartura». No romance, mudou este título para «No Sossego», revelando sempre um cuidado primoroso com a ficção, uma vez que «Iniciativa agrícola» é uma notação bastante

- conceitual, e «Na fartura» não corresponde ao ponto de vista irônico que o autor adota. O nome do sítio do Major Quaresma, no entanto, é «Sossego» nos manuscritos, nos folhetins e no livro.
- d - Na parte superior da folha 99, escreveu «Livro III», «Cap. I», «um patriota», riscou o «um», fez um «P» maiúsculo sobre o «p» minúsculo, e acrescentou um «s» no final, criando «Patriotas», o belíssimo título que inicia a última parte do romance.
- e - Ao capítulo III, também do «Livro III», deu inicialmente o título «A noiva». Em seguida, riscou-o, mudando-o para «... e tornaram silenciosos», o qual com uma emenda ficou assim: «... E tornaram logo silenciosos...», condizente com a atmosfera impressionista, o terror e o trágico presentes nas cenas finais do romance.
- f - No capítulo IV, «Livro III», «O Boqueirão», Lima Barreto cortou o «O», gerando «Boqueirão», que permanece no folhetim, mas curiosamente a forma original «O Boqueirão» é retomada no livro.
- g - O capítulo «O *bibelot*», da «Primeira Parte», só aparece nos folhetins, e na edição em livro, portanto não há manuscrito dele.

Lima Barreto usou papel da repartição para escrever o romance. Marcas desta utilização aparecem nos autógrafos. No penúltimo fôlio do capítulo «Desastrosas conseqüências de um requerimento», lemos: «Ilmo. Sr. Dr. Delegado da 19ª Comarca», com letras indiscutivelmente do escritor. A primeira folha do capítulo V da «Segunda Parte» – «O Trovador»- leva o nome da repartição impresso em tipo itálico grande «Ministério dos Negócios da Guerra». O mesmo cabeçalho está impresso na sexta folha do mesmo capítulo, e nas folhas 1 e 3 do capítulo II – «Você, Quaresma um visionário».

Nas primeiras etapas de elaboração do romance Lima usa mais o tratamento íntimo («tu») nos diálogos entre personagens («- Jantas já?», «eu não te quero contrariar»). Também o pronome oblíquo antes do verbo ou no começo do parágrafo aparece com freqüência nos manuscritos e nos folhetins, traço do seu estilo solto, fluente. Às vezes, nos manuscritos encontramos pronomes após o verbo («faltou-lhe o ar, ficando-lhe»), que no livro aparece assim «lhe faltou o ar, lhe ficou».

Dos manuscritos para o livro, alguns personagens mudaram os nomes. O general que nunca foi à guerra, jamais assistiu a uma batalha, chama-se «Breves» nos autógrafos. Na edição de 1915, troca este nome pelo de «Albernaz». As três filhas deste militar «Xandoca», «Dudu», e «Maricas» tornaram-se «Quinota», «Zizi» e «Lalá», respectivamente. Apenas Vivi e Ismênia conservam nomes idênticos nas três fases de elaboração do romance. O corrupto senador «Pacheco» (nos manuscritos) que jogava *pocker* com seis cartas, vira jornalista nos folhetins e advogado no romance.

A filha de Coleoni chama-se «Lúcia» nos manuscritos e nos folhetins e Olga, no livro.

Embora haja correspondência entre os títulos dos capítulos e os constantes nos folhetins e na primeira edição impressa em livro, o texto dos manuscritos é menor. Representa, no entanto, um sólido roteiro para os folhetins. Além do mais, permite o restabelecimento do texto, na sua autenticidade, em face das emendas do autor.

O cotejo dos manuscritos com os folhetins e o texto de origem permite identificar parágrafos inteiros iguais. No entanto, as modificações nos folhetins e os acréscimos e substituições no livro, são tantas que se torna praticamente impossível estabelecer as variantes passo a passo. Esta edição crítica apresenta apenas as variantes possíveis a partir do texto-base.

Ou seja, levando em conta a invariante, anotam-se apenas dos manuscritos as variantes dos parágrafos onde foi possível estabelecer o cotejo, e constataram-se trocas de nomes ou expressões, reformulações de partes de frases, de períodos, parágrafos e as modificações de nomes de personagens, do espaço, e do tempo.

Em geral estas modificações caracterizam bem as três etapas de elaboração do texto definitivo e a firmeza da escrita registra a longa gestação do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

A

Os folhetins encontram-se na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional, em dois volumes onde foram encadernados os exemplares do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, edição da tarde, correspondentes ao terceiro e quarto trimestres de 1911. Cada folhetim é publicado na seção denominada *Folhetim do Jornal do Comércio*, sempre na terceira parte da quarta e última página, em quatro ou seis colunas. Todos os números trazem o nome de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o título do folhetim que vai corresponder ao respectivo título no romance em livro, e a epígrafe de Renan. O número de 11 agosto de 1911 traz na segunda coluna da primeira página, um resumo do romance cuja publicação o *Jornal do Comércio* inicia. E neste mesmo número, na página quatro, em quatro colunas, embaixo aparece o primeiro folhetim.

Os folhetins, em número de 52, foram impressos nos seguintes números do *Jornal do Comércio*, de 1911: agosto – dias 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 24, 25, 26, 28, 29 e 30; setembro – dias 1º, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29 e 30; outubro – dias 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18 e 19.

B

Esta primeira edição, brochura (19,3x13,3 cm), Rio de Janeiro, Tipografia Revista dos Tribunais, 1915, contém 240 páginas numeradas a partir da página

dez, a segunda de texto. A capa apresenta um desenho a lápis preto sobre fundo branco, e os dizeres em letras pretas: «LIMA BARRETO / [fio] / Autor do 'Isaiás Caminha' / [fios]», na parte superior; «[fios] / TRISTE FIM DE / [fios] / Policarpo Quaresma / [fios]», no centro; «Typ. 'Revista dos Tribunaes' / [fio] / CARMO 55 – RIO DE JANEIRO / [fio]». O título sobrepõe-se ao desenho.

A folha de rosto repete as palavras da capa, acrescentando embaixo de «RIO DE JANEIRO», a data «1915». Em seguida vêm, no reto e no centro da página, a dedicatória «A / João Luz Ferreira / Engenheiro Civil», e em outra página, também no reto, a epígrafe de Renan, em francês.

C

Esta edição, a segunda do romance, brochura (16,0x10,3 cm), saiu por O Livro de Bolso, São Paulo, [1943]. Contém 253 páginas numeradas a partir da página dez, sendo que na página inicial de texto, sem numeração, acha-se escrito com letras maiúsculas, em negrito, «PRIMEIRA PARTE» [fio]. Capa nas cores roxo desbotado, bege próximo ao marrom e o preto, com um retrato sem assinatura, representando o personagem Policarpo numa aula de violão.

No centro da página de ante-rosto, lê-se: «O triste fim de / Policarpo Quaresma», e logo embaixo «O Livro de Bolso». O verso desta página vem em branco. A página de rosto diz em cima: «LIMA BARRETO», no centro, «Triste fim de / Policarpo Quaresma, / 3ª edição / Antes do Romance / de ELOÍ PONTES», e embaixo «O Livro de Bolso' / [logotipo]/». O verso da folha de rosto traz novamente «3ª edição»; equivocada, refere-se certamente ao fato de tratar da terceira edição nessa editora.

Em seguida, em uma única página, no centro, a dedicatória «A / João Luiz Ferreira / Engenheiro Civil», e no verso «OBRAS DE LIMA BARRETO», seguida de uma relação de obras do autor. No reto da página seguinte, em tipo menor, e em francês, vem a epígrafe de Renan. Uma página depois, no reto, na parte superior da folha, o desenho a lápis com a legenda «LIMA BARRETO», e no centro «ANTES DO ROMANCE», seguido do texto de Eloí Pontes que ocupa a metade desta página e dois terços do seu verso. No espaço tradicionalmente reservado ao colofão, lê-se: «O LIVRO DE BOLSO/ OBRAS PÚBLICADAS», e segue uma lista de dez obras editadas.

D

Esta edição, a quinta, encadernada em papel cartão marrom (19,3x13,3 cm), 321 páginas numeradas na parte inferior externa de página, da nona até a 18, e na parte superior direita externa, a partir da 28, a segunda de texto do romance.

A página de ante-rostro traz no centro, em letras maiúsculas pretas, o título: «TRISTE FIM DE/ POLICARPO/ QUARESMA». No verso desta, lê-se: «OBRAS DE LIMA BARRETO / ORGANIZADAS SOB A DIREÇÃO DE /FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA, COM A / COLABORAÇÃO DE ANTONIO HOUAISS / M. CAVALCANTI PROENÇA». A estes dizeres segue-se a lista das dezessete obras de Lima Barreto, editadas pela Brasiliense.

A folha seguinte tem o reto em branco, e no verso, ocupando a página inteira uma ilustração «O Nosso aniversário» da *Estação Theatral*, do Rio de Janeiro, de julho de 1911, Ano II, nº 54, com a seguinte legenda: «Lima Barreto (nº 5), em 1911. Reprodução da primeira página de *A estação Teatral*, Rio / de Janeiro, de 15-7-1911, existente na Secção de Periódicos da Biblioteca Nacional».

A folha de rosto traz os dizeres: «LIMA BARRETO / [fio] / TRISTE FIM DE / POLICARPO / QUARESMA / (*romance*) / prefácio de / M. DE OLIVEIRA LIMA / EDITORA BRASILIENSE / São Paulo / 1956», com o título destacado em letras amarelo-abóbora. No verso da folha de rosto, lê-se: «Edições anteriores», listando todas as edições saídas, até então do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Na folha seguinte, no meio da página, a palavra em letras maiúsculas pretas: «PREFÁCIO», e no verso: « [fio] / Publicado, pela primeira vez, nO *Estado de São Paulo*, de 13 de novem-/bro de 1916, por ocasião do aparecimento da 1ª edição deste livro». Da página 9 a 13 vem o texto de Oliveira Lima, que tem o título «POLICARPO QUARESMA».

Esta edição apresenta ainda uma «NOTA PRÉVIA», nas páginas 17 e 18, explicando os procedimentos de cotejo dos textos e suas normas, «Notas ao Texto», no total de 290, que vão da página 301 a 320, e na última página, sem numeração o «ÍNDICE DA MATÉRIA». No colofão, lê-se: «Composto, impresso e encadernado na / GRÁFICA URUPÊS LTDA. / Rua Spartaco, 215 / São Paulo / 1956».

A edição em pauta que integra o volume 2 das obras de Lima Barreto, em 17 volumes, publicadas em 1956, representa ponto de partida para o reexame da obra do grande romancista da Primeira República. Para o estabelecimento do texto do romance, Francisco de Assis Barbosa contou com a ajuda dos amigos Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença.

A bela edição, entretanto, apresenta alguns senões, pois as provas finais deixaram de serem submetidas, inexplicavelmente, aos organizadores.

Variantes

Algumas variantes são transcritas no aparato crítico incluindo o vocábulo ou expressão da invariante imediatamente anterior primeiro e o vocábulo invariante imediatamente posterior, sempre antecedidas da sigla da lição de que provêm. Este procedimento ocorre, quando houve supressão de termos dos *ms*

para *B* ou de *A* para *B*, nas reformulações de texto, ou para facilitar a localização da variante, evitando dúvidas. Ocorrem muitos casos especiais em que se tornou desnecessária a transcrição de elementos invariantes, sem que isso impedisse a adequada localização da variante.

O contrário também acontece: casos em que se amplia a transcrição de elementos invariantes a fim de que fique mais bem delimitada a localização da variante. Tal proceder geralmente se faz necessário, para evitar dúvidas quando há repetição muito próxima de palavra. Quando a variante termina num ponto ou num ponto e vírgula, não há necessidade de se transcrever o primeiro vocábulo da invariante imediatamente posterior.

Especificamente, quando ocorre a reformulação de frase ou de diálogo, o número indicativo da nota vem antes da frase inteira ou do travessão indicativo de diálogo.

Os acréscimos de *A* para *B* são anotados no aparato crítico. Aparecem entre aspas simples e na íntegra, quando de pequena extensão ou não inviabilizam a leitura. Os acréscimos de parágrafos extensos ou série de parágrafos são anotados no aparato crítico antecedidos da convenção § de parágrafo, e / ... / de supressão do texto, já constante no romance. Neste caso, não há necessidade de se retranscrever os trechos, mas faz-se a indicação, para que se observe o processo de criação de Lima Barreto.

As variantes de um mesmo passo do texto-base proveniente de mais de uma lição sucedem-se no aparato crítico na ordem cronológica que se estabeleceu para as diferentes lições de cada capítulo.

Foram consideradas como variantes quaisquer discrepâncias entre os textos escolhidos para a colação com o texto-base, desde que não tivessem caráter meramente ortográfico. Foram anotadas todas as alterações feitas pela edição crítica no texto-base, com exceção dos erros considerados óbvios, geralmente erros tipográficos facilmente identificáveis como tais. Deste modo, foi objeto de anotação a escolha por lição outra que não a do texto de origem, quando a lição deste, embora não podendo ser considerada erro óbvio, revelava-se como algum equívoco ou alguma inadequação, principalmente levando-se em conta a outra lição. Cabe ressaltar que tais casos ocorreram em número muito reduzido, e ficaram registrados no aparato crítico, onde se pode recuperar a lição do texto de base.

Classificação das variantes

Esta edição privilegia as variantes do autor, os acréscimos e pouquíssimas variantes de editor. Assim, as mudanças identificadas no percurso de elaboração do romance, todas anotadas aqui, podem ser consideradas variantes do autor, pois o texto crítico tomou como texto de base, a edição da Revista dos Tribunais, e aproveitou principalmente a lição do trabalho empreendido por

Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Estas anotações do aparato crítico antecedidas de *ms* e *A* são variantes do autor. As variações precedidas de *C* e *D* constituem variantes de editor. *B*, o próprio texto do romance, é a base da constituição da invariante.

As variantes do autor revelam a gênese do romance, juntamente com as modificações feitas por Lima Barreto na fase inicial da criação romanesca –os manuscritos. O leitor perceberá, no decorrer da leitura, as mudanças introduzidas pelo autor. Basta comparar *in loco* as variantes ou acréscimos do autor que se acham do lado direito da página ou no rodapé com o texto estabelecido nesta edição.

Foram anotados todos os acréscimos da segunda fase –os folhetins– para a etapa final do processo criativo –o texto definitivo do romance. Estes acréscimos que vão desde uma palavra, parte de frase, frases, até parágrafos e série de parágrafos (apenas estes últimos somam trinta e um) estão integrados em *B*, e só puderam ser localizados no cotejo do livro com os folhetins. Por esta razão, estes aparecem separados, e não juntos com os manuscritos, porque além de constituírem duas fases distintas, só é possível identificá-los desta maneira.

Os acréscimos feitos por Lima Barreto na 1ª edição apresentam sempre um caráter complementar e analítico, e portanto tornam mais límpida a ficção, integrando o seu projeto estético de nunca deixar o texto incompleto ou com falhas. São muitos os belos exemplos nesta edição crítica, tais como a identificação da personagem Maria Rita. A esta foi acrescentada a expressão «antiga lavadeira da família Albernaz». Além disso, o acréscimo da descrição da sala onde o «velho poeta», estudioso do *folklore* recebeu o Major Quaresma e Albernaz: «A sala em que foram recebidos, era ampla, mas estava tão cheia de mesas, estantes, peçadas de livros, pastas, latas, que mal se podia mover nela. Numa lata lia-se: Santa Ana dos Tocos; numa pasta: São Bonifácio do Cabresto».

Lima Barreto inclui notações explicativas para o ciclo do macaco, «uma verdadeira epopéia comica», acrescentando quase duas páginas, num total de treze parágrafos, incluídos os diálogos, todos constantes do aparato crítico. Estes acréscimos coincidem com os registros do escritor no seu *Caderno de Anotações* acerca da pesquisa sobre as lendas do folclore brasileiro. Esse documento guarda os textos copiados por Lima Barreto, num total de (12) doze lendas numeradas pelo autor.

Temos mais notações de desenvolvimento da ficção, no capítulo «Reformas radicais», quando o romancista com uma tomada impressionista focaliza a metamorfose da fisionomia de Coração dos Outros: «... e a sua cútis que era ressecada e de um tom de velho mármore, como que ficou macia e jovem». Logo à frente, em «A notícia do Genelício», o autor escreve mais um parágrafo para apresentar a imagem do doutor, o dentista Cavalcânti, à opinião pública, além de dois parágrafos, um para narrar a mania demandista do Major Inocência Bustamante, e o outro, para completar o retrato cômico de Genelício, o burocrata modelo da época, na ótica de Lima Barreto.

No capítulo «Peço Energia, Sigo Já», para expressar o monólogo indireto em que Quaresma lamenta a falta de solidariedade entre os habitantes do campo, o abandono da agricultura pelo governo e a ação dos especuladores dos produtos agrícolas, o autor sentiu necessidade de escrever mais parágrafos, coerente às observações críticas comuns ao texto do escritor, sobre o saber, o conhecimento, o «doutor» e a cultura brasileira.

Em «Patriotas», para expandir a seqüência das entrevistas de Floriano com os cadetes e ironizar o positivismo emblematizado na caricatura do ditador, o romancista precisou acrescentar quatro parágrafos ao texto publicado no *Jornal do Comércio*.

Em «A Afilhada», para dar continuidade ao monólogo interior indireto de Quaresma, desenganado com a implosão do mito do patriotismo, Lima Barreto redigiu mais cinco parágrafos, enriquecendo as notações reflexivas do romance.

Os acréscimos arrolados não constituem variantes, pois não são modificações do texto de 1915, apenas o integram, e só podem ser detectados, como já dissemos, quando se comparam as duas fases iniciais da criação, no final do processo. E não podemos ter variantes de um texto, que ainda não existia em sua inteireza.

O grande número de expansões encontradas no *Triste Fim de Policarpo Quaresma* mostra que as duas primeiras fases (manuscritos e folhetins) não são definitivas, nem completas, quando comparadas com o texto impresso em livro, em 1915, e que as três etapas, embora se completem, são diferentes entre si.

Observamos, ainda, variantes de editor que entram em discordância com o autor e constituem uma distorção do ânimo autoral. A exemplo, «a alcunha», expressão usada na edição de *O Livro de Bolso* (1943), enquanto que Lima Barreto utiliza sempre a forma «o alcunha». Vale ressaltar que essas variantes de editor encontram-se, no texto, sempre antecedidas das letras *C* ou *D*. Classificamos como *D* as variantes de editor que, em casos de dúvidas, erros tipográficos na edição de 1915, ou em outros casos insolúveis, tentam revelar, o mais próximo possível, o ânimo autoral. Podemos citar como exemplo o caso de variante de editor «empecem», Edição Brasiliense, 1956, que corrigiu o autor que escrevera «impecem» (1915). Já em 1943, a edição de *O Livro de Bolso* registra «impedem», não condizente com o contexto lingüístico-ficcional.

Atualização ortográfica, padronização gráfica e vocabulário do autor

No preparo da presente edição crítica, procedeu-se à devida atualização ortográfica, que consistiu em colocar o texto de acordo com a norma do Formulário Ortográfico, de 1943, eliminação de acentos diferenciais, de acento grave e circunflexo nas palavras derivadas, seguindo a disposição legal de 1971. Outras

modificações ortográficas resumiram-se à correção de deslizes de revisão e erros óbvios.

Quanto à padronização gráfica, incluindo-se aí abreviaturas, aspas, travessões e realces materiais como grifo, negrito e maiusculização, nitidamente houve a adoção de critério, ou seja, seguiu-se de forma sistemática, salvo alguns pormenores, a lição de *B* e *D*. Assim, o galicismo *pince-nez* virá sempre grifado embora já tenha sido adaptado ao português. Em *B* há uma oscilação deste vocábulo. Ele ora aparece com aspas, ora com grifo, ou sem realce material. Os vocábulos estrangeiros não adaptados como *pendant* virão todos com grifo.

Conservou-se a grafia da época para vocábulos que admitem duas ou mais formas (*dous*), seguindo a lição de *B*, abandonada em *C* (*dois*), e restabelecida em *D* (*dous*). O mesmo ocorreu com *cousa*, e outros. É possível discordar de algumas das soluções encontradas, mas como neste plano existe uma grande margem de opção, não havendo norma geral impositiva, no preparo da presente edição crítica, introduziram-se correções apenas nos passos em que após o cotejo do texto-base com *D*, verificaram-se desvios do padrão adotado por *B*, modernizado por *D*.

Esta edição conserva o vocabulário do autor. O leitor encontrará palavras que não estão compreensivelmente dicionarizadas, e outras criações utilizadas por Lima Barrreto nos seus textos. Exemplos: «acaparamento», «hilárico», «moitirão», «incolhível», «baroco», «barocas», «ortiga», «guaitacás», «acujelê», «vaga-bundava», «guaitacãs», «abobreira», «cataclismo», «medusina», «o alcunha» e muito mais.

Transcrição e convenções

Na transcrição das variantes que compõem o aparato crítico seguiu-se o preceito de respeito completo à grafia das lições manuscritas, dos folhetins, da primeira edição, da segunda e da quinta, com todas as suas particularidades. Foram respeitados, assim, as oscilações ortográficas entre diferentes normas, os evidentes lapsos de escrita e até o descumprimento dessas normas.

São os seguintes os sinais convencionados e seus significados:

§ acréscimo de parágrafo.

... supressão de trecho do texto.

< > acréscimo de *A* para *B*, na íntegra.